

Gênero e Literatura Religiosa na Gnose Cristã dos séculos II e III A.D.

João Gabriel da Rocha Oliveira *

A presente pesquisa é desenvolvida como parte do processo de elaboração da dissertação de mestrado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, ainda em curso no ano de 2009. Anteriormente, os primeiros progressos foram feitos na composição de trabalho monográfico na Universidade Federal Fluminense, sob o título de *O Evangelho de Maria: o Feminino na Gnose Cristã dos séculos II e III A.D. através da História do Gênero e da Literatura religiosa*. Sendo assim, viso neste momento apenas indicar as direções do projeto, bem como denotá-lo de descrições mais gerais e informativas do ponto de vista do leitor que não conhece o trabalho anterior e ainda não pode ter acesso ao trabalho não publicado.

O presente artigo visa abordar a relação entre fenômeno religioso e estrutura sócio-cultural circundante. Problematizar a ligação entre os movimentos de ordem gnóstica, mais especificamente cristã, e a produção sócio-cultural que regeu as comunidades sob a égide deste culto. Sugerindo a análise de escritos produzidos por determinadas seitas e conectando-os aos seus contextos sociais específicos, buscamos a compreensão dos fatores que levaram a sua composição e difusão. A história de gênero combinada à uma abordagem textual direcionada, no sentido de identificar campos de poder relacionados, pode render frutos profícuos de modo a facilitar o entendimento sobre a dinâmica dessas populações.

A gnose cristã é, de fato, um tema ainda pouco aprofundado na torrente de estudos sobre o Cristianismo nascente, sendo de alguma forma marginalizada ou, em certas ocasiões, desconsiderada do panorama geral que envolveu a religião em questão em seus primeiros séculos de afirmação. Optar por uma leitura não convencional da epopéia cristã, escolher por objeto um fenômeno que foi paulatinamente suplantado por uma religião cristã dominante é correr riscos e despender um enorme esforço pela reconstrução de indícios que indiquem estruturas mentais e seus reflexos reais no cotidiano dessas populações.¹ Versando sobre esse campo em particular e arcando com todas as conseqüências que um recorte tão profundo pode proporcionar, poderemos analisar a cristandade de uma maneira inovadora, já que

* Mestrando – Universidade Federal de Uberlândia

¹ É de perceptível importância a organização de mestres e discípulos e as chamadas *didascálias* em pequenos núcleos de modo a difundir, mesmo que clandestinamente, esse conhecimento místico, no caso, gnóstico cristianizado. Mantendo a heterogeneidade flagrante presente em todo o pensamento referente a uma religião de mistério ou iniciação. Cf. BROWN, Peter. *Corpo e Sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990, pp. 95-97.

permitiremos trazer à tona toda a sorte de heterodoxias e seitas cristãs gnósticas, em efervescência nos séculos II e III A.D.

Creemos que aliando a História de gênero, principal catalisador do nosso objeto, a uma abordagem de selecionados textos gnósticos poderemos contribuir significativamente para o entendimento das relações que perpassaram essas populações enquanto o elo religioso os manteve coesos, principalmente, no que diz respeito à figura feminina representada de diversas formas. Estender-se sobre os escritos de determinadas comunidades também é, em certa medida, adentrar um universo de pensamentos e crenças inerentes aos produtores daquele material. Instância essa que é imediatamente comunicante aos leitores e ouvidores da palavra escrita, que de alguma maneira são contaminados e contaminadores a partir dos textos que lêem e escrevem.

Desenvolvida em um contexto de profunda efervescência cultural, a gnose cristã relaciona-se com o mundo helênico, permeado pela filosofia e cultos de mistério,² primordialmente sincréticos, esboroando-se em seitas gnósticas e suas formulações sobre o universo e o homem³ e encontrando na metafísica monoteísta um caminho para desenvolver as cosmogonias e teologias tão peculiares à gnose, aliando-se, ao pensamento cristão. O povo e a religião judaica se crispavam atravessados por um processo de segmentação e estremecidos pelos efeitos de uma profunda crise religiosa após a destruição do templo de Jerusalém. ⁴ As religiões orientais permitiram aspirações às teologias dualistas, deixando sua marca por meio deste tipo de pensamento,⁵ representadas através da influência gerada pelo que chamou André Benoît e Marcel Símon de gnose iraniana.

Os séculos II e III A.D. presenciaram o surgimento de uma nova composição religiosa nunca antes realizada, um formato universalista que, segundo Werner Jaeger, foi preparado ao longo dos séculos anteriores pela profunda helenização da região mediterrânea, criando um denominador comum, aproximando mentalidades e universos antes completamente dissonantes.⁶ Os cristãos não podem ser identificados como um mero agregado étnico - se é que podemos estender desse modo o conceito - assim como os judeus na forma de uma

² JAEGER, Werner. *Cristianismo Primitivo e a Paidéia Grega*. Lisboa: Edições 70, 1991, p. 78.

³ JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001, p. 17.

⁴ *Id. Ibid.* p. 40.

⁵ SIMON, Marcel & BENOIT, André. *Judaísmo e Cristianismo Antigo*. São Paulo: Pioneira, 1977, pp. 279-282.

⁶ JAEGER, W. *Ibid.* p. 16.

genealogia ou os romanos reunidos em torno de sua cidadania. Reunindo-se, como indivíduos, fizeram surgir uma nova forma de comunidade religiosa coesa perante seu deus.⁷

Essa liquidez que reuniu tantos adeptos através da inauguração de uma religião de diálogo, exploração e experimentação⁸ será de primordial importância para uma relação ao mesmo tempo reformadora, por parte da doutrina cristã, e assimiladora de elementos convenientes ou relevantes para não deixar sua marca. Sobre todos esses contatos, deve-se contabilizar a incrível diversidade com que a nova crença dialogou, seja através das camadas humildes ou de proeminentes abastados, ambos tocados pela crença em Cristo ou identificados de alguma forma com o culto em formação, ocupando os papéis de influenciador e influenciado, simultaneamente, assimilando e reformando práticas e ideologias externas ao seu contexto primevo.

A incorporação do monoteísmo deverá ser a tônica presente nas primeiras manifestações religiosas gnósticas cristianizadas⁹ e ainda que o conjunto de pensamentos gnósticos tenha se desenvolvido em um período pré-cristão,¹⁰ eles alcançarão formatos potencializados ao entrar em contato com o pensamento cristão provido de atributos universalistas, ainda profundamente liquefeito naquele momento, adotando algumas das escrituras do Novo Testamento¹¹ e produzindo outras, além de incorporar temas do platonismo.¹²

No plano social ou das relações sociais concretas, é preciso exercer uma diferenciação quanto à composição sexual dos grupos gnósticos em relação à dita vida comunitária cristã em processo de institucionalização, representada pela Igreja de Roma e seus partidários. O papel da mulher como crente modifica-se radicalmente quando analisamos exemplos de ambos os grupos paralelamente.

⁷ JOHNSON, P. *Ibid.* p. 17.

⁸ Nessa passagem, o autor enfatiza um ponto deveras delicado no que concerne ao caráter aberto do sistema desenvolvido pela figura de Jesus. Refutando a idéia de que a religião cristã tenha se originado através de uma espécie de *summa theologica* desenvolvida por Cristo, Johnson expõe os caracteres abertos ao debate e a interpretação presentes no discurso de Jesus. Cf. JOHNSON, P. *Ibid.* p. 41.

⁹ Embora sejam reconhecidas tendências trinitaristas entre os gnósticos cristãos e suas escrituras, fica claro que todas essas manifestações compõem, em alguma variação, o Um, que para todos os sistemas em questão é deus.

¹⁰ SIMON, M. & BENOIT, A. *Ibid.* p. 279.

¹¹ Podemos perceber em Marcião a necessidade de adequar a sua crença às escrituras canônicas, logo, havendo a necessidade de exclusão do Antigo Testamento e reorganização do Novo Testamento. Cf. ELIADE, Mircea. *História das Idéias e Crenças Religiosas*. vol. II. De Gautama Buda ao Triunfo do Cristianismo. Porto: Rés-Editora, 1978, pp. 316-317.

¹² Dillon estabelece uma interessante relação entre o pensamento gnóstico, como coletor de elementos nas escrituras judaico-cristãs e utilizador do arcabouço platônico contemporâneo, como meio para a formação de um sistema inteligível, sendo um derivado do mesmo. Cf. DILLON, John. *Monotheism is the Gnostic Tradition*. In: ATHANASSIADI, Polymnia & FREDE, Michael (Org.). “Pagan Monotheism in Late Antiquity”. Oxford: Claredon Press, 1999.

Por exemplo, a atuação de judeus cristianizados nos círculos cristãos ortodoxos cresce gradativamente ao fim do primeiro século da nossa era e com eles diversos elementos presentes na religião e cultura judaica são adaptados ou mesmo incorporados integralmente ao culto cristão. É notório que o culto judeu afastou-se dos demais por não representar suas divindades em termos de relações sexuais, mas contraditoriamente não deixa de afirmar, constantemente, a masculinidade do seu deus.¹³ Esse tipo de procedimento exerce uma pressão excessiva no papel e espaço femininos dentro da nova religião,¹⁴ restringindo-os a um secundarismo estático. Não podemos, de forma alguma, culpar apenas a matriz judaica pela redução da participação feminina na ortodoxia cristã, mas ela deve ser considerada como um dos fatores mais relevantes nesse processo.

Em contrapartida, o posicionamento mais convergente do *gnosticismo* em relação aos cultos de mistérios e ao pensamento platônico irá lhe proporcionar uma suavização na relação exclusiva homem-mulher no âmbito religioso. Realizando assim uma hierarquização de tipo espiritual entre os seus seguidores e deixando de lado, em certos casos, a rejeição à participação feminina.

Problemáticas sobre “a distinção dos modelos bastante diferentes de atitudes sexuais surgindo nos círculos ortodoxos e nos círculos gnósticos”¹⁵ devem ser levadas em consideração. Ao utilizar constantemente um aparato conceitual pleno de simbolismo sexual para descrever e identificar o caráter divino,¹⁶ os cristãos gnósticos indicam uma característica particular que seria a “transposição do princípio de igualdade entre os sexos à estrutura social e política de suas comunidades”.¹⁷ Embora não possamos generalizar esse tipo de comportamento a todos os movimentos gnósticos, podemos considerá-lo como heterogêneo às recomendações do Cristianismo ortodoxo.

Considerando os pressupostos acima expostos, como condição temática básica para a presente pesquisa, orientamo-nos com base na “afirmação de que através do feminino estamos diante de uma das estruturas ônticas e ontológicas mais originárias do ser humano”,¹⁸ tomando por empréstimo a assertiva de Leonardo Boff, um dos intensos pensadores sobre a

¹³ BOFF, Leonardo. *O Rosto Materno de Deus*. 9ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2003, p. 96.

¹⁴ Registre-se que, ao longo dos dois primeiros séculos da Era Cristã, podemos observar o movimento de aglomeração, mesmo sendo ele através do Cristianismo praticado pela Igreja Romana, presente no processo de constituição do que se convencionou chamar de Cristianismo Ortodoxo. Então, ao fazer referência a essa nova religião, faço menção ao culto que estava sendo apresentado no início do século II a.D., ainda aglutinando credo, práticas, mitos e símbolos próprios.

¹⁵ PAGELS, Elaine. *Os Evangelhos Gnósticos*. São Paulo: Editora Cultrix, 1992, p. 92.

¹⁶ *Id. Ibid.* p. 77.

¹⁷ *Id. Ibid.* p. 93.

¹⁸ BOFF, L. *Ibid.* p. 31.

questão do gênero no âmbito religioso, alinhavamos a nossa reflexão acerca da História e de como procederemos sobre a interpretação dos fenômenos que se referem a ela.

A História das Mentalidades e a História Cultural já vêm, há algum tempo, proporcionando avanços no que tange à chamada história de gênero, alicerçadas por novas conceituações e abordagens do feminino, além da busca em outras disciplinas como a literatura, a lingüística, a psicanálise e a antropologia princípios que revelem novas dimensões desse objeto.¹⁹ A combinação de ferramentas teóricas específicas como a história de gênero²⁰ e a análise dos textos religiosos ²¹ podem identificar brechas anteriormente invisíveis do ponto de vista de outras abordagens teóricas.

A categoria gênero será de primordial relevância para a construção de uma leitura das relações que perpassaram as comunidades gnósticas cristianizadas dos séculos II e III E.C., já que constitui a medida primeira para que abordemos as fontes e as premissas a serem recorridas durante a pesquisa.

Primeiramente, deve-se considerar a escala dimensional inicial, ou seja, a relação entre o comportamento dos caracteres masculinos e femininos e a relação entre as atitudes inerentes ao gênero, que norteiam as perspectivas dos indivíduos cotidianamente em diversos pontos, atos estes que buscam através dos comportamentos sexuais evitar a indiferenciação sexual.²² Evidenciando a díade homem-mulher, podemos observar que ela está presente constantemente na lógica das situações as quais se inscrevem diariamente indivíduos ordinários e não apenas isoladamente enquanto conceito desprendido de um contexto. Nosso sistema invariavelmente acaba incorrendo numa estrutura relacional, utilizando um interessante trecho de Joan Scott para inscrever nessa ótica a linha de pensamento apresentado até então:

¹⁹ SOHIET, Rachel. *História das Mulheres*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion VAINFAS, Ronaldo (org.). “Domínios da História: ensaios da teoria e metodologia”. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 279.

²⁰ Enxergamos aqui ser proveitoso encarar a história de gênero como uma história do relacional, jamais desvalorizando ou descentralizando o papel feminino nessa conjuntura, mas cremos que analisar o âmbito sexual que atravessa toda e qualquer sociedade, sem postar, paralelamente, ambos os comportamentos é incorrer, invariavelmente, em uma perda de tempo.

²¹ Realizar a exegese de qualquer texto religioso pode adquirir fundamental importância como recurso técnico para o sucesso de qualquer iniciativa em diversos campos da história, tais como a história das mentalidades ou história cultural ou, especificamente, história das religiões. Tratar desses documentos de forma criteriosa e à luz do bom senso é de primordial importância para valorizar o papel desses escritos no sentido de contextualizar sócio-culturalmente as populações envolvidas. Entendê-los como produto de mãos humanas e conduzidos pelo pensamento de indivíduos comuns é a chave para se compreender como um fenômeno religioso pode atingir tão profundamente diferentes comunidades com tão diversas necessidades.

²² PERROT, Michele & FARGE, Arlette. (org.) *A História das Mulheres. Cultura e Poder das Mulheres: Ensaio de Historiografia*. Niterói: Revista Gênero, vol.2, nº. 1, 2001.

(...) a categoria “mulheres” assumirá uma existência como entidade social separada de seu relacionamento conceitual historicamente situado com a categoria “homens”. Isto não significa que os historiadores das mulheres não escrevessem sobre as mulheres em relação aos homens – como esposas, mães, filhas, empregadas, pacientes, etc. Significa que eles tendiam a pôr de lado a questão principal – que as “mulheres” não possuem uma definição intrínseca, mas apenas uma definição contextual e que não pode ser elaborada exceto por meio do contraste, em geral com os “homens”.²³

Adotando esse procedimento, estaremos sujeitos a obtenção de resultados mais abrangentes sobre o imaginário e práticas sociais femininas do que marginalizando o nosso principal objeto de estudo. Ainda seguindo no sentido de privilegiar uma interpretação relacional aos conceitos de masculino e feminino, obviamente conectados aos papéis de homens e mulheres em seus círculos sociais delimitados, ²⁴ devemos perceber o gênero como uma forma de indicar as “construções sociais” ²⁵ erigidas pelas representações inerentes a homens e mulheres em seus relacionamentos.

É necessário, todavia, para complementar o nosso sistema de análise, levar em conta o papel das representações no entendimento das relações e tensões no interior das sociedades. Seriam a partir dessas representações, “contraditórias e afrontadas”, ²⁶ que os indivíduos e grupos dão sentido ao mundo. Aludindo à “história das apropriações”, reproduzida no texto *O Mundo em Representação*, Roger Chartier identifica nela uma história social dos usos e das representações, inscrita nas práticas específicas que os produzem. É necessário, para isso, observar as operações de construção de sentido, entendendo que “as idéias não são desencarnadas” ²⁷ e devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas. Como sugerido pelo próprio autor, devemos abordar essa perspectiva de modo a não partir dos grupos produtores e sim dos objetos, formas e códigos produzidos por eles, além de caracterizar as configurações culturais a partir de materiais que lhe são específicos.

O autor enfatiza, ainda, a necessidade de estar atento às práticas sociais da leitura, ou seja, às redes de práticas, histórica e socialmente diferenciadas, da relação com os textos.

²³ SCOTT, Joan. *Historia das Mulheres*. In: BURKE, Peter (Org). “A Escrita da História”, São Paulo: Unesp, 1992, pp. 82-83.

²⁴ Faz-se necessário nesse ponto chamar atenção para a polarização entre estas características. Não podemos de maneira alguma associar os conceitos de masculino e feminino diretamente a homens e mulheres, respectivamente. A construção e autopercepção de cada indivíduo é moldada de forma a combinar esses dois pólos, sendo que nunca encontram-se totalmente dissociados um do outro. Para que exista o homem enquanto ser social é necessário que este reúna atributos tanto do pólo masculino como do feminino, sendo que a organização desses adjetivos e a importância dada a cada um deles delinearão o grau como essa pessoa se orienta dentro de um contexto de relações, e assim também ocorre com a mulher no seu meio social.

²⁵ SOHIET, R. *Ibid.* p. 279.

²⁶ CHARTIER, Roger. *O Mundo em Representação*. In: “À Beira da Falésia”. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 66.

²⁷ *Id. Ibid.* p. 68.

Enfim, entender mais profundamente as maneiras de ler “próprias a cada comunidade de leitores”.²⁸ O texto não é inteligível em si mesmo, mas apenas em relação ao seu leitor e as diversas apropriações feitas por eles. A obra em si é incapaz de construir algum sentido estrito, mas a sua apropriação é que a torna possível.

Além disso, devemos considerar que não há compreensão de um escrito, seja qual for, que não dependa das formas nas quais ele chega ao seu leitor.²⁹ Comentamos aqui, para efeito de exemplificação, o papel do mestre gnóstico em relação aos seus discípulos, apresentando o texto e muitas vezes lendo-o e interpretando-o para o diminuto grupo, de forma a “revelar” o sinuoso caminho até o auto-conhecimento aos seus ouvintes. ³⁰ É de extrema importância que se perceba, desde já, a diversidade de contatos e suas possíveis particularidades, bem como sua forma de relacionamento com o seu objeto de leitura e como isso poderá determinar o transcorrer dessa relação.

É forçoso lembrar ainda que nos debruçamos sobre a face religiosa de cada um desses núcleos, que os encaramos enquanto fomentadores de um aparato teológico e plenipotenciários pesquisadores de um diagrama filosófico compatível às suas crenças. Coerentemente, para que toda cosmogonia religiosa se verifique como válida, ela deve afirmar-se enquanto legítima e, de alguma maneira, senão excluir as outras, ³¹ pelo menos preponderar sobre todas através de algum tipo de manifestação social. Sendo assim, fazemos as reservas mais prudentes quanto às análises dessas *interpretative communities*³² para que possamos, em certa medida, relevar radicalismos e transbordamentos metafísicos, já que não poderíamos transportá-los integralmente ao campo social como correspondentes.

Analisando os dispositivos formais, textuais ou materiais, que se organizam a partir de uma diferenciação no interior da própria organização social e também das áreas de recepção que não estão enquadradas em divisões centralizadas e prévias, podemos concluir que as anteriormente citadas diferenciações culturais não aparecem como tradução de divisões estáticas, mas como efeito de processos dinâmicos, assim como a composição oral dos textos

²⁸ Aqui, o autor no qual baseamos o aparato metodológico apresentado faz uso do que Stanley Fish conceitua como *interpretative communities*, traduzindo literalmente, comunidades interpretativas. Argumentando que se faz imperativo a reconstrução da maneira de ler e das relações dos indivíduos com os textos para que se aprofunde o entendimento do sentido atribuído a cada um deles no âmbito social. Cf. CHARTIER, Roger. *Op. cit.* p. 70.

²⁹ *Id. Ibid.* p. 71.

³⁰ BROWN, P. *Ibid.* pp. 95-97.

³¹ Toma-se aqui, por exemplo, o elemento divino judaico Yahweh (em hebraico, יהוה), que, necessariamente, precisa afirmar a inexistência de fenômenos divinos fora dele para confirmar a sua condição divina. O Livro Secreto de João (13.8-14, in NHL 106) chega a atribuir a seguinte afirmação ao deus dos judeus: Eu sou um Deus cioso, e não há outro além de mim.

³² Cf. nota 26.

e sua fixação através da redação.³³ Um mesmo texto pode criar diferentes públicos e usos e possivelmente partilhar de bens culturais comuns, incitando análises que busquem novas distinções para marcar as distâncias mantidas. A essa conjuntura podemos aplicar a torrente de textos gnósticos e/ou apócrifos, que objetivaram por reproduzir um formato comum aos textos posteriormente eleitos como cânone pela Igreja, legitimando assim a origem comum de ambas as tradições.³⁴ Essas divisões das representações e práticas do mundo social são fundamentais na compreensão das obras, ressaltando a importância do social como local onde elas significam e constroem. Em suma, a instauração pelo poder de uma esfera literária autônoma e a concomitante construção de bens simbólicos e de julgamentos intelectuais e/ou estéticos.

Beneficiando o processo de exegese, devemos nos sensibilizar para que o sucesso de qualquer tipo de análise histórica remeta, primordialmente, ao tipo de fonte escolhida para alicerçar o trabalho a ser desenvolvido. Criteriosamente, julgamos ser mais coerente centralizar nossa pesquisa em textos da literatura classificada como gnóstica cristã, por se tratar de registros emanados das populações retratadas durante a análise.

Em especial, servirão de base alguns textos da biblioteca encontrada no *Jabal Al Tarif* em 1945, próximo a *Nag Hammadi* no Egito, pois consideramos profícuo, assim como Marcel Símon e André Benoît, que “trabalhar com textos escassos, porém autênticos, do que com numerosas exposições polêmicas e parciais emanadas de adversários”,³⁵ como as encontradas em fontes patrísticas,³⁶ que apesar de seu imenso valor histórico, no que diz respeito à história da Igreja, aqui tornar-se-iam uma lente mal ajustada na missão de compreender a relação que esses indivíduos possuíam com a sua religião e seus pares.

Embora essa preferência inicial acarrete alguns tipos de inconvenientes, entendemos estar dando um passo à frente no sentido metodológico ao empregar especificamente esse tipo de fonte. É notório que optamos por um caminho mais sinuoso, pois recorrer às primeiras fontes cristãs gnósticas é compactuar com a interpretação de um amálgama de contradições e

³³ Fazemos referência aqui ao texto de Frank Moore Cross, abordando o processo de seleção dos textos bíblicos que, posteriormente, os transformou em escrituras sagradas conectadas. Frank Moore demonstra magistralmente em poucas páginas como algumas opções podem modificar tenazmente a significação de alguns textos. Cf. CROSS, Frank M. *O Texto por Trás do Texto da Bíblia Hebraica*. In: “Para Compreender os Manuscritos do Mar Morto”. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1993.

³⁴ BARRERA, Julio Treballe. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução a História da Bíblia*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999, pp. 284-285.

³⁵ SIMON, M. & BENOIT, A. *Id. Ibid.* p. 278.

³⁶ Aqui, refiro-me aos documentos produzidos pelos padres apostólicos, exemplos como Ireneu de Lion, Eusébio de Cesaréia, Clemente de Alexandria, que numa tentativa legítima de resguardar as suas próprias crenças e identificar nos discursos e práticas dissonantes elementos retratados como heresia acabavam por distorcer ou mesmo apenas agredir as posições alternativas as da Igreja.

especulações. Praticamente todo o documento encontrado em *Nag Hammadi* possui um direcionamento teológico peculiar, não formando uma unidade enquanto compilação, estando reunidos apenas geograficamente e sob uma classificação que muitos podem considerar parcial. Embora privilegiemos aqui uma seleção ligada ao nosso tema, enfatizando questões relativas ao gênero, ainda assim, permanecemos sob a tutela dessa classificação geral dada a sua praticidade. Devemos considerar, ainda, que cada texto antes de assumir sua forma escrita final, circulou e ganhou notoriedade oralmente e provavelmente por isso foram transcritos no intuito de serem preservados.³⁷

Faz-se necessário ainda a enumeração de alguns documentos referentes à supracitada biblioteca, tais como: *O Livro Secreto de João ou A Secreta Revelação de João*³⁸, *O Evangelho de Tomé*³⁹, *O Evangelho de Felipe*⁴⁰ e *O Evangelho da Verdade*⁴¹, por exemplo.

Consultar qualquer tipo de texto é, em certa medida, alcançar seus produtores, pois a desconsideração do contexto no qual eles estão inseridos é deslegitimar uma aproximação que se possa fazer sobre quem os escreveu. Perpassar alguns desses textos é remeter, de alguma forma, às representações mentais dos mestres ou discípulos gnósticos que os compilaram ou compuseram.

³⁷ JOHNSON, P. *Ibid.* p. 33.

³⁸ *A Secreta Revelação de João* é considerada um dos mais importantes textos gnósticos descobertos na era moderna, tal qual uma síntese do pensamento gnóstico antigo, fornecendo-nos uma visão sobre o cristianismo em suas primeiras décadas antes de ser pavimentado pela sua vertente romana. Podemos considerá-lo como um texto sagrado, reservado a uma leitura apenas por iniciados espirituais no sentido de elevarem suas almas em busca da perfeição divina. □ Nessa perspectiva ele adquire verdadeira importância, ao tratar de temas do feminino e masculino, como partes compositoras do espectro divino.

³⁹ *O Evangelho de Tomé*, com sua controvertida datação, estipulada entre os séculos I e III da nossa era, possui fragmentos no *Papyrus Oxryrinus* (Οξύρρυγχος; Sharp-nosed, do inglês: de bico afiado), assim como o Evangelho de Maria, a ser tratado posteriormente. Esse documento é comumente ligado ao cristianismo síriaco e a opinião corrente de sua composição gira em torno do meio do século II A.D. □ Segundo Tomé: “o espírito e alma, ‘macho’ e ‘fêmea’, seriam reunidos num só todo radioso”. Identificando na centelha masculina a ascensão e salvação e aproximando dos fenômenos femininos o perecimento e a ignorância. □ Sendo assim, identificamos nele uma discussão profícua a ser desenvolvida no presente, excetuando-se outras passagens significativas mais que não cabem aqui serem mencionadas.

⁴⁰ *O Evangelho de Felipe* é outro representante da tradição siríaca, □ provavelmente composto por volta do início do segundo século da nossa era. □ De caráter notadamente valentiniano, □ evoca alguns princípios recorrentes a religiosidade cristã de maneira geral e outros extremamente particulares em sua doutrina sacramental. O batismo, a unção, a eucaristia, a redenção e a câmara nupcial. Esta última nos interessa particularmente por tratar da união dos símbolos do masculino e feminino representados nos indivíduos reais praticantes daquele culto.

⁴¹ *O Evangelho da Verdade*, relativamente, anterior aos demais aqui abordados, pertencendo à metade posterior do século II d.C. Obra de porte equivalente à *Secreta Revelação de João* destila eloquência e transborda em conteúdo teológico, sendo atribuído ao próprio Valentino ou a um discípulo muito próximo. Traçando o destino cosmológico de Sofia, a sabedoria encarnada em uma figura feminina, constatando que o princípio da desordem divina, encontra-se na própria divindade e atribuindo ao divino características masculinas e femininas de forma a agregar valor a nossa análise.

Infelizmente, dado o andamento da pesquisa e o caráter relativamente reduzido proposto pela ANPUH em 2009, discorreremos somente sobre os pressupostos teórico-metodológicos do trabalho, sem poder apresentar as respectivas fontes a não ser nominalmente e dentro delas contextualizar ainda mais o leitor do real teor da relacionada dissertação. Sendo assim espero que a explanação aqui apresentada estimule todos os tipos de interessados a se enveredar por essa área de estudos ainda tão carente de pesquisadores e especialistas.

BIBLIOGRAFIA

- ALFÖDY, Geza. *A História Social de Roma*. Madrid: Alianza Editorial, 1997.
- ATHANASSIADI, Polymnia & FREDE, Michael. *Pagan Monotheism in Late Antiquity*. Oxford: Claredon Press, 1999.
- BARRERA, Julio Treballe. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução a História da Bíblia*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- BOFF, Leonardo. *O Rosto Materno de Deus*, 9ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- _____. “Novas Reflexões Sobre a Dominação Masculina” IN: Lopes, Meyer & Waldow. *Gênero e Saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- BROWN, Peter. “A Antiguidade Tardia”. In: *História da Vida Privada*. Vol. 1 - Do império romano ao ano mil. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- _____. *Authority and the Sacred: Aspects of the Christianization of the Roman World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- _____. *Corpo e Sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- BURKE, Peter (Org). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.
- CARDOSO, Ciro Flamarion VAINFAS, Ronaldo (org). *Domínios da história: ensaios da teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CHARTIER, Roger. *Diferenças entre os Sexos e Dominação Simbólica*. In: *História das Mulheres no Ocidente*, sob a direção de Georges Duby e Michelle Perrot, t. III, Os séculos XVI-XVIII (sob a direção de Natalie Zemon Davis e Arlette Farge). Paris: Plon, 1991.
- _____. “O Mundo em Representação”. In: *À Beira da Falésia*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- CROSSAN, John Dominic. *O Jesus Histórico: a Vida de um Camponês Judeu Mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994.
- DUBY, Georges. *A Civilização Latina: dos tempos antigos ao mundo moderno*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.
- _____ & PERROT, Michelle. *História das Mulheres: Vol. 1: A Antiguidade*. Sob a direção de Pauline Schmitt Pantel. Porto: Edições Afrontamento, 1990.
- DURHAM, Eunice R. *Família e Reprodução Humana*. In: *Perspectivas Antropológicas da Mulher 3*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1983.

- ELIADE, Mircea. História das Idéias e Crenças Religiosas. Vol. II. De Gautama Buda ao Triunfo do Cristianismo. Porto: Rés-Editora, 1978.
- FISH, Stanley Eugene. Is there a text in this class? : the authority of interpretive communities. Cambridge: Harvard University Press, 1998.
- JAEGER, Werner. Cristianismo Primitivo e a Paidéia Grega. Lisboa: Edições 70, 1991.
- JOHNSON, Paul. História do Cristianismo. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- KING, Karen. What is Gnosticism? Cambridge: Harvard University Press, 2003.
- _____. The Gospel of Mary of Magdala: Jesus and the First Woman Apostle. Santa Rosa: Polebridge Press, 2003.
- _____. The Secret Revelation of John. Cambridge: Harvard University Press, 2006.
- LACOCQUE, André. Four Subversive Figures In Israel's Tradition. Mineapolis: Fortress Press, 1990.
- MAZZARINO, Santo. O Fim do Mundo Antigo. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- MEYER, Marvin. Mistérios Gnósticos: As Novas Descobertas. O Impacto da Biblioteca de Nag Hammadi. São Paulo: Editora Pensamento, 2005.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. Os Limites da Helenização: integração cultural das civilizações grega, romana, céltica, judaica e persa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
- PAGELS, Elaine. Os Evangelhos Gnósticos. São Paulo: Editora Cultrix, 1992.
- ROBINSON, James M. The Nag Hammadi Library. San Francisco: HarperCollins, 1990.
- SIMON, Marcel & BENOIT, André. Judaísmo e Cristianismo Antigo. São Paulo: Pioneira, 1977.
- SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil para análise histórica. Recife: SOS Corpo, 1991.
- VEYNE, Paul. A Sociedade Romana. Lisboa: Edições 70, 1993.
- WILLIAMS, Michael. Rethinking "Gnosticism". An Argument for Dismantling a Dubious Category. Princeton: Princeton University Press, 1996.